

No momento em que concluímos esta edição da *Continentes*, abrindo o seu décimo ano de existência, o Brasil ultrapassou oficialmente a marca de 500 mil óbitos por Covid-19 e atingiu um novo recorde de infecções diárias, com mais de 115 mil novos casos (dia 23 de junho). Desde que a Organização Mundial de Saúde declarou a pandemia do novo coronavírus se passaram 16 meses e, embora a situação esteja longe de resolvida no resto do mundo, enfrentamos no Brasil o pior momento da crise sanitária – por aqui, o “pior momento” da pandemia parece sempre o presente e a tragédia se aprofunda a cada semana.

Falar em “crise sanitária”, aliás, é uma redução do que vivenciamos, já que os impactos da pandemia são sentidos em todas as esferas, ampliando e intensificando nossas fatalidades crônicas e trazendo outros infortúnios para uma situação histórica que já era dramática antes mesmo de anunciado o primeiro caso de covid-19 no Brasil.

Em fevereiro do ano passado, o Brasil apresentava uma taxa de 11,6 % de desocupados, o que representava 12,3 milhões de pessoas oficialmente desempregadas. Antes mesmo da tragédia sanitária aportar em nosso país, portanto, por aqui se intensificava a expulsão de trabalhadores do mercado (em relação ao ano anterior). A tese de que o “Brasil decolava” ao ser atingido pelo vírus é falsa, refutada não apenas pela redução da oferta de emprego, mas também pela taxa de crescimento da economia. O PIB brasileiro recuou 1,5 % no primeiro trimestre de 2020, desfazendo os espasmos de crescimento e cavando ainda mais a crise econômica devastadora da segunda década do século XXI, que gerou cerca de 10 % de retração da economia brasileira – a maior já registrada em nossa história.¹

Assim como os números de óbitos, os índices econômicos contêm uma frieza que é normalizada: para a opinião pública brasileira, como grande parte da sociedade está acostumada a viver na precariedade, em condições sociais insalubres e no ganha-pão diário, tratar-se-ia de mais uma desgraça entre outras. Essa aceitação da catástrofe, tomada na psicologia midiática como “resiliência”, impede a contextualização do que

¹ Todos os dados, a não ser que indicada outra fonte, são da *Agência IBGE Notícias*, disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/pt/agencia-home.html>. Acesso em jun. 2021.

vivemos e o seu significado: a pandemia agravou a maior regressão social de nossa história.

A taxa de desemprego saltou em um ano e atingiu 14,7 % no primeiro trimestre de 2021, deixando quase 15 milhões fora do mercado de trabalho. A informalidade atinge 34 milhões de brasileiros, um número baixo comparado a anos anteriores, mas que se explica pelo “desalento” – até o subemprego e o “bico” estão se reduzindo, expulsando seu exército subremunerado.

Hoje, mais da metade dos brasileiros está em situação de insegurança alimentar (125 milhões de pessoas), sendo que quase um décimo da população sofre diretamente com a fome.² Embora a fome aberta recue aos níveis graves de duas décadas atrás, a condição geral de carência alimentar é a pior da história do Brasil, seja em números relativos ou absolutos. Diante de 19 milhões de pessoas afetadas pela fome, o número de casos de pessoas presas por furto de comida tem aumentado, o que contraria entendimentos já estabelecidos de irrelevância jurídica desse tipo de registro de furto.³ Com uma população gigantesca vivendo carências básicas, qualquer medida de isolamento social soa como “privilégio”, principalmente diante de auxílios emergenciais pontuais, concedidos ao sabor das pressões políticas e sem condições de garantir o mínimo, ainda mais quando o próprio poder de compra se esvai. No momento em que escrevemos, a taxa oficial de inflação (IPCA) saltou 8,05 % em doze meses, mas artigos básicos na casa do brasileiro acumularam altas explosivas, como alimentos e insumos para cozinhar.⁴ O índice de referência para o aluguel acumula uma inflação de 37 % – é o maior da história do Plano Real. Uma situação que pode se agravar nos próximos meses sob efeito inflacionário do reajuste da energia elétrica.

Essa combinação de desemprego e corrosão da moeda impõe a difícil escolha para parte da população: ou pagar a moradia ou comprar comida – o resultado são as frequentes manchetes sobre a alta de moradores de ruas nas principais cidades brasileiras.⁵ A

² Victoria Damasceno, “Mais de 125 milhões de brasileiros sofreram insegurança alimentar na pandemia, revela estudo”, *Folha de S. Paulo*, 13 abr. 2021, disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/04/mais-de-125-milhoes-de-brasileiros-sofreram-inseguranca-alimentar-na-pandemia-revela-estudo.shtml>. Acesso em jun. 2021.

³ Leandro Machado, “Os brasileiros presos por furto de comida na pandemia de covid”, *BBC News*, 18 jun. 2021, disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57477601?fbclid=IwAR0d_18rLXIQmnjHISNQQKK5v4CuXb-8VNw6tFRYrIhiKFn59QHqH93mFhQ. Acesso em jun. 2021.

⁴ Thais Carrança, “‘Até o feijão nos esqueceu’: o livro de 1960 que poderia ter sido escrito nas favelas de 2021”, *BBC News*, disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57033047>. Acesso em jun. 2021.

⁵ Bruno Pedrosa, Paulo Sampaio e Júlio Aguiar, “Pandemia da Covid-19 aumenta número de pessoas sem-teto no Rio; veja depoimentos”, *O Globo*, 29 jun. 2020, disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de->

paisagem de nossos centros urbanos mistura agora barracas de sem-tetos, filas para a sopa e uma enormidade de imóveis vazios, já que a pandemia afetou de modo incisivo os prédios comerciais, de escritórios e financeiros, levando seus trabalhadores, se não demitidos, ao *home-office* (uma estimativa para o Centro do Rio indica mais de 50 % de ociosidade dos imóveis).⁶

Não devemos estranhar, portanto, que a “retomada” da economia ocorra deixando de fora boa parte da população: o PIB brasileiro voltou a crescer nos últimos meses, retornando ao patamar pré-pandemia, mas esse desempenho se deve aos setores de exportação, que empregam pouquíssima força de trabalho, provocam desastres ambientais crescentes e se caracterizam pela baixa complexidade. Com o agronegócio e a mineração à frente, que sustentam o pífio desempenho nacional há quatro décadas – incluído aí o ilusório “espetáculo do crescimento” – a “recuperação” da economia ocorre com uma queda de 10 % na renda domiciliar em apenas um ano.⁷ Num contexto mundial de concentração acelerada de renda, o Brasil se destaca: um relatório da *Credit Suisse* avalia que 1 % da população brasileira, os mais ricos, detém hoje 49,6 % da riqueza nacional. Apenas a Rússia está acima do Brasil em concentração de riquezas.⁸

Se somarmos a esse quadro dramático o impacto da pandemia na desarticulação das cadeias produtivas globais (que acelera a parcial desindustrialização da economia brasileira), o endividamento explosivo dos Estados e das corporações e a aceleração da destruição ambiental (a pandemia ocupa de tal modo os jornais, que o recorde de

janeiro/noticia/2020/06/29/pandemia-da-covid-19-aumenta-numero-de-pessoas-sem-teto-no-rio-veja-depoimentos.ghtml. Acesso em jun. 2021.

Felipe Betim, “Pandemia leva famílias para as ruas de São Paulo e acelera mudança de perfil da população sem-teto”, *El País*, 02 jun. 2021, disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-06-02/pandemia-leva-familias-para-as-ruas-de-sao-paulo-e-acelera-mudanca-de-perfil-da-populacao-sem-teto.html>.

Acesso em jun. 2021.

Elian Guimarães e Leandro Couri, “Colorido das barracas expõe o aumento da pobreza em Belo Horizonte”, *Estado de Minas*, 05 ago. 2020, disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/08/05/interna_gerais,1173163/colorido-das-barracas-expoe-o-aumento-da-pobreza-em-belo-horizonte.shtml. Acesso em jun. 2021.

⁶ Luiz Ernesto magalhães e David Barbosa, “Imóveis ociosos no Centro do Rio devem se tornar moradias”, *Extra*, 09 jul. 2020, disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/imoveis-ociosos-no-centro-do-rio-devem-se-tornar-moradias-24522974.html>. Acesso em jun. 2021.

⁷ Thais Carranã, “Na contramão do PIB, renda do brasileiro cai 10% com inflação em alta e desemprego recorde”, *BBC News*, 10 jun. 2021, disponível em: [https://economia.uol.com.br/noticias/bbc/2021/06/10/na-contramao-do-pib-renda-do-brasileiro-cai-10-com-inflacao-em-alta-e-](https://economia.uol.com.br/noticias/bbc/2021/06/10/na-contramao-do-pib-renda-do-brasileiro-cai-10-com-inflacao-em-alta-e-desemprego.htm#:~:text=Segundo%20levantamento%20realizado%20por%20Daniel,1.185%20de%20igual%20per%C3%ADodo%20de)

[desemprego.htm#:~:text=Segundo%20levantamento%20realizado%20por%20Daniel,1.185%20de%20igual%20per%C3%ADodo%20de](https://economia.uol.com.br/noticias/bbc/2021/06/10/na-contramao-do-pib-renda-do-brasileiro-cai-10-com-inflacao-em-alta-e-desemprego.htm#:~:text=Segundo%20levantamento%20realizado%20por%20Daniel,1.185%20de%20igual%20per%C3%ADodo%20de). Acesso em jun. 2021.

⁸ “Topo da pirâmide avança na pandemia, e 1% mais rico do Brasil já detém metade da riqueza nacional”, *O Globo*, 24 jun. 2021, disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/topo-da-piramide-avanca-na-pandemia-1-mais-rico-do-brasil-ja-detem-metade-da-riqueza-nacional-1-25074583>. Acesso em jun. 2021.

desmatamento na Amazônia nos últimos meses não passa de mera nota sem importância), temos um quadro global da tragédia que enfrentamos, principalmente em nosso quintal tropical transformado em caserna.

A pandemia do novo coronavírus, portanto, deve ser enxergada como um “fato social total” (Marcel Mauss), não como mera “crise sanitária”. Contudo, por mais dramáticos que sejam seus demais efeitos (desde a economia, passando pela educação, o espaço urbano e atingindo o mercado de trabalho), é evidente que nada se compara ao sofrimento da irreparável destruição de meio milhão de vidas. Um número que, ainda assim, é subdimensionado.

Como se sabe, não há informações precisas sobre o total de atingidos pela covid-19, dado que há uma baixa testagem na população brasileira e muitos óbitos não são devidamente registrados. Um modo de tentar contornar essas dificuldades é a estimativa do “excesso de mortalidade” da população, que compara o número de mortes durante a pandemia com o de mortes médias nos anos anteriores. Em 2020, enquanto foram registrados cerca de 196 mil mortos pela covid-19 em todo território nacional, o “excesso de mortalidade” foi de mais de 275 mil. Neste ano, até o momento, a tendência é para um excesso de 67 % na mortalidade proporcional da população brasileira,⁹ o que deve ampliar de modo assustador o número de brasileiros falecidos “por todos os motivos” – muitos óbitos, mesmo em princípio não decorrentes da covid-19, podem ser provocados ou “antecipados” por esta, como é o caso de pessoas que não obtêm tratamento para outras enfermidades devido à superlotação dos ambulatórios e unidades de tratamento intensivo. Graças ao impacto do coronavírus, a população brasileira sofrerá uma redução de 2 anos em sua expectativa de vida, recuando quase uma década, um registro a mais de regressão nessa longa fileira nacional de recuo civilizatório.¹⁰

É disto que se trata a nova experiência histórica: não vivemos sob uma crise qualquer, mas um desmonte histórico de uma sociedade. O Brasil nunca prezou exatamente pela

⁹ Luis Correia, “O Conceito de “Excesso de Mortalidade”: Brasil e COVID-19”, *CONASS – Conselho Nacional de Secretarias de Saúde*, disponível em <https://www.conass.org.br/o-conceito-de-excesso-de-mortalidade-brasil-e-covid-19/>. Acesso em jun. 2021.

“Painel de análise do excesso de mortalidade por causas naturais no Brasil”, *CONASS – Conselho Nacional de Secretarias de Saúde*, disponível em: <https://www.conass.org.br/indicadores-de-obitos-por-causas-naturais/>. Acesso em jun. 2021.

¹⁰ Em algumas unidades da federação, a redução pode chegar a quase 4 anos de vida (Roberta Jansen, Em alguns Estados, covid-19 já 'rouba' mais de 3 anos da expectativa de vida, *Estadão*, 19 abr. 2021, disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,em-alguns-estados-covid-19-ja-rouba-mais-de-3-anos-da-expectativa-de-vida,70003685711>. Acesso em jun. 2021.

qualidade de vida, direitos sociais ou mesmo atendimento a necessidades básicas (como alimentação), mas agora vê suas esqueléticas colunas sociais e institucionais desmoronando sob o peso de uma crise civilizatória.

Nas páginas a seguir, trazemos diversos artigos que vão desde a Geografia Econômica, passando pela Geografia Política, estudos em Migrações, Geografia Urbana e Desenvolvimento Territorial. Alguns dos textos tratam, direta ou indiretamente, de certos aspectos dessa nossa regressão social.

No primeiro artigo, *Entre a Soberania e a Governamentalidade Neoliberal: o Processo de Privatização do Grupo Petrobras*, Cláudio Luiz Zanotelli e Francismar Cunha Ferreira interpretam a recente e progressiva privatização do Grupo Petrobras a partir de categorias foucaultianas, mostrando como o neoliberalismo se caracteriza não exatamente por uma dispensa estatal, mas por um acionamento do Estado para que proteja o “jogo econômico” diante das demais regras sociais.

Izabelle Carvalho Lima, Maria Laís Alves de Araújo e Raimundo Jucier Sousa de Assis fazem um balanço da expansão da “nova direita” na política latino-americana no texto *Uma Investigação sobre a “Virada Política” da Nova Direita na Região da América Latina*, colocando em reflexão os motivos pelos quais diversos países dessa região, depois de governos denominados de esquerda, tiveram uma “guinada” à direita, diante da retomada ou persistência dos problemas socioeconômicos.

Marcelo Loura de Moraes, em *A Questão da Moradia e o Processo de Segregação Residencial: Notas Críticas*, faz uma reflexão teórica inicial abrangente sobre a segregação urbana, particularmente a segregação das moradias e suas origens no espaço urbano capitalista. Autores consagrados dos estudos urbanos são trazidos para o debate, que aponta para uma crise urbana: o “estilo moderno de espaço público que permitia, ainda que de maneira limitada, o encontro dos desiguais vai se deteriorando”. Ainda discutindo o papel dos agentes produtores do espaço urbano, em *Intervenção dos Agentes Imobiliários no Entorno Imediato das Centralidades de Rondonópolis-MT*, Ana Claudia Reis Bittencourt, Adinael Jr. Pereira da Trindade e Antonia Marília Medeiros Nardes avaliam a intervenção dos agentes imobiliários na cidade de Rondonópolis/MT, ressaltando principalmente a sua atuação na expansão do tecido urbano do município. Luís Felipe Perucci de Lacerda e Lirian Melchior discutem os venezuelanos que vieram buscar nova vida no Brasil em *As novas políticas migratórias brasileiras e o impacto na vida dos imigrantes venezuelanos*. O artigo tem por objetivo levantar brevemente os motivos que levaram a um êxodo de venezuelanos, principalmente a partir do governo

de Nicolás Maduro, enfatizando a difícil recepção destes em território brasileiro: “a necessidade de trabalho se faz latente, o que implica em uma outra dificuldade para os imigrantes pois o Brasil enfrenta um elevado nível de desemprego atualmente” (p. 138). *Expansão Urbana e Formação de Periferias nas Cidades Pequenas do Portal do Sertão*, trabalho de Ythana de Oliveira Santos, Janio Santos e Vinicus da Silva Machado Borges, discute a expansão das pequenas cidades no Portal do Sertão, uma identidade regional proposta pelo governo da Bahia e polarizada pelo município de Feira de Santana. Com uma rica produção cartográfica, os autores propõem uma reflexão sobre os motivos da formação de periferias em algumas destas cidades e a produção de desigualdades, principalmente no acesso à moradia.

Jacob Binsztok e Cecilia Werneck debatem os desafios do campesinato em *Trajetórias Camponesas: do Centro-Sul à Fronteira Agrícola da Amazônia Meridional*. Resgatando o processo de colonização da Amazônia por agricultores provenientes do Centro-Sul do Brasil, o artigo discute como os camponeses se adaptaram às mudanças nas últimas décadas e contribuíram para as transformações no espaço amazônico.

Em nosso penúltimo artigo, *Pescadoras Artesanais de Magé (RJ): um Estudo Etnogeográfico*, Carla Ramôa Chaves revisa a literatura sobre comunidade e identidade, estudando o caso das pescadoras do município do estado do Rio de Janeiro localizado no recôncavo da Baía de Guanabara. Fazendo uso de observação participante e um estudo que mescla geografia e etnografia, a autora aponta para a tensão entre a autoidentidade e aquela atribuída pelos “outros”, uma distância não mediada por políticas públicas capazes de reforçar a autorrepresentação das pescadoras.

Por fim, *Desenvolvimento Territorial no Município de Santa Teresa (ES): Discussões Acerca da Sustentabilidade no Circuito Caravaggio*, Rosa Cristina Monteiro, Carlos Alexandre Volpi, Sílvio de Oliveira Alves, Victorio Birchler Tonini e Tiago Badre Marino apresentam as conclusões de uma pesquisa no município do Espírito Santo, cujo objetivo foi avaliar a sustentabilidade de um circuito turístico, voltado à promoção de desenvolvimento territorial no meio rural – o chamado “Circuito Caravaggio”.

Por fim, Frederico Castro de Carvalho e Rodrigo da Costa Caetano, no artigo *Panorama da Dimensão Política da Agroecologia Brasileira a partir do Levantamento de Teses e Dissertações no Catálogo da Capes*, fazem um balanço da produção universitária sobre agroecologia, indicando os principais temas relacionados, as categorias utilizadas e seus vínculos com a política pública e os movimentos sociais. Trata-se de um importante levantamento que deve se tornar referência para os pesquisadores da área.

ARTIGOS